

## **“Estrangeiros” em Portugal: a antropologia das comunidades rurais portuguesas nos anos 1960**

---

João Leal

Como tive ocasião de mostrar noutro lugar (Leal 2000) a equação entre cultura popular e identidade nacional foi a equação estruturante da antropologia portuguesa entre 1870 e 1970. Entretanto, na parte final desse período – em particular no decurso dos anos 1960 – começam a surgir sinais de uma outra forma de fazer antropologia.<sup>1</sup>

Esses sinais têm antes do mais a ver com o desenvolvimento mais consistente de um interesse antropológico pelas ex-colónias portuguesas. Até então enredada nas malhas da *nation building*, a antropologia portuguesa começa a deslocar-se para horizontes mais próximos do *empire building* (Stocking 1982). A importância de Jorge Dias e da sua pesquisa sobre os Maconde do Norte de Moçambique nesta deslocação tem sido sublinhada (Pereira 1999). No seu seguimento, por um lado, desenvolver-se-ão outras pesquisas, instavelmente situadas entre a monografia “puramente antropológica” e o estudo de antropologia aplicada mais ou menos comprometido com a política colonial do regime. E, por outro lado, são dados passos importantes no sentido da institucionalização da antropologia em Portugal. Entre esses passos avulta a fundação do Museu de Etnologia do Ultramar (hoje Museu Nacional de Etnologia) em 1965, e a criação, no final da década de 1960, no ex-ISCSPU, do primeiro curso universitário de antropologia. Em ambos os casos é sob o signo desta viragem africana da antropologia portuguesa que estes desen-

---

■ JOÃO LEAL – Centro de Estudos de Antropologia Social/ISCTE.

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada em Novembro de 2001 no quadro da cadeira “Temas de Antropologia Portuguesa”, da 3.ª edição do mestrado em “Antropologia: Patrimónios e Identidades” (ISCTE). Agradeço ao Paulo Raposo e ao António Medeiros a leitura e as sugestões de emenda ao texto e ao Robert Rowland as preciosas informações bibliográficas sobre Joyce Riegelhaupt.

volvimentos institucionais – aos quais mais uma vez o nome de Jorge Dias surge associado – ocorrem.<sup>2</sup>

Paralelamente a estes desenvolvimentos, a segunda grande mutação que percorre a antropologia portuguesa dos anos 1960 tem a ver com o estudo da cultura popular de matriz rural e com o surgimento, nesse âmbito, de outra forma de interrogar antropológicamente a ruralidade portuguesa. O traço distintivo mais importante desse novo olhar é justamente o termo da equação entre cultura popular de matriz rural e identidade nacional que havia caracterizado o discurso antropológico sobre Portugal entre 1870 e 1970. O objecto é aparentemente o mesmo – o estudo da ruralidade – mas ele deixa de ser olhado a partir de interrogações sobre a identidade nacional. Continua-se a falar do campo, mas esse campo já não é visto como a paisagem por excelência da nacionalidade.

## A antropologia internacional nos anos 1960

É nos estudos de Joyce Riegelhaupt, Colette Callier-Boisvert e José Cutileiro que é possível surpreender essa viragem.<sup>3</sup> Joyce Riegelhaupt foi uma antropóloga norte-americana que conduziu trabalho de campo em São João das Lampas

---

<sup>2</sup> Vistos à distância, estes desenvolvimentos não deixam de ter o seu quê de irónico. Por um lado, é no preciso momento em que o Império – confrontado com as lutas independentistas – se começa a aproximar do seu fim, que se desenvolve finalmente em Portugal uma “antropologia de construção do Império”. Por outro lado, é sob o signo de uma forma de fazer antropologia que dava então os seus primeiros passos que são obtidos desenvolvimentos institucionais – como a fundação de um Museu Nacional especificamente etnológico ou a criação do primeiro curso universitário de antropologia – que uma consistente tradição antropológica de *nation building*, ao longo de mais de cem anos, nunca havia conseguido. Mas a suprema ironia destes desenvolvimentos reside talvez no enquadramento global que os impulsiona. De facto, se estes passos no sentido de uma antropologia aparentemente menos centrada em Portugal são dados é porque, na nova situação política criada pelo desenvolvimento da luta independentista nas ex-colónias portuguesas, se impõe um decisiva reestruturação dos discursos de identidade nacional, de forma a integrar neles de forma mais activa a dimensão “ultramarina” e “pluri-continental” de Portugal. À antropologia pede-se agora que mostre Portugal como um mosaico de culturas que não se esgota nas culturas camponesas da “metrópole”, mas que possui uma dimensão supostamente “ecuménica” mais vasta. A viragem “lusotropicalista” de Jorge Dias, o alargamento do conceito de “arte popular portuguesa”, de forma a nele incluir a “arte primitiva” das populações das ex-colónias – como resulta da publicação dos volumes consagrados às ex-colónias portuguesas no âmbito da obra colectiva *A Arte Popular em Portugal, Ilhas Adjacentes e Ultramar* (Lima 1968-1975) – são duas das expressões mais visíveis desta paradoxal re-orientação colonial da relação entre antropologia portuguesa e identidade nacional.

<sup>3</sup> Para além destes antropólogos, outros desenvolveram também pesquisa em Portugal no mesmo período, ou, até anteriormente. É o caso de Emilio Willems (1955, 1963). O carácter mais pontual desta contribuição deve entretanto ser sublinhado. Por essa razão, não foi integrada na panorâmica proposta neste artigo.

(Estremadura) no início dos anos 1960, a partir do qual redigiu em 1964 a sua tese de doutoramento (Riegelhaupt 1964) e ainda dois artigos publicados nas revistas norte-americanas *Anthropological Quarterly* (1967) e *American Anthropologist* (1973). Posteriormente a sua aproximação antropológica enriqueceu-se com preocupações históricas e, depois de uma passagem pelos temas do “apoliticismo” e das revoltas camponesas (Riegelhaupt 1979a, 1979b, 1981), interessou-se pelo anti-clericalismo e pelas formas de religiosidade popular em Portugal (Riegelhaupt 1982, 1984), tópico sobre o qual continuou a trabalhar até ao seu prematuro falecimento em 1986.<sup>4</sup> José Cutileiro, um dos primeiros antropólogos portugueses formado em Oxford, realizou no final dos anos 1960 pesquisa etnográfica em Vila Velha (pseudónimo de uma freguesia alentejana), tendo editado em 1971 *A Portuguese Rural Society* (Cutileiro 1971a), que rapidamente se transformou numa das monografias de referência da antropologia mediterrânica dos anos 1960 e 1970 e que apenas viria a ser editada em português, sob o título *Ricos e Pobres no Alentejo. Uma Sociedade Rural Portuguesa* (Cutileiro 1977), após o 25 de Abril de 1974. Depois de ter traduzido a versão portuguesa de uma das colectâneas fundamentais da antropologia mediterrânica, *Honour and Shame in Mediterranean Societies* (Peristiany 1965, 1971) – para a qual escreveu um prefácio (Cutileiro 1971b) – dedicou-se à carreira diplomática, tendo abandonado os seus interesses antropológicos.<sup>5</sup> Finalmente, Colette Callier-Boisvert é uma antropóloga francesa que realizou trabalho de campo no Soajo no início dos anos 1960, contexto sobre o qual escreverá um artigo monográfico relativamente extenso intitulado “Soajo. Une Communauté Féminine Rural de l’Alto Minho”

---

<sup>4</sup> Em 1967, Riegelhaupt conduziu – em conjunto com Shepard Forman – trabalho de campo no Brasil, sobre temas de antropologia económica “camponesa” (cf. Forman & Riegelhaupt 1970a, 1970b). Em 1987, a revista *American Ethnologist* publicou um conjunto de ensaios, reunidos por Jane Schneider e Shirley Lindelbaum, dedicados a Joyce Riegelhaupt, sob o título genérico de “Frontiers of Christian Evangelism. Essays in Honor of Joyce Riegelhaupt” (Schneider & Lindelbaum 1987), resultantes de um painel organizado por Joyce Riegelhaupt no âmbito de uma reunião da American Ethnological Society.

<sup>5</sup> Recentemente, entretanto, Cutileiro regressou à antropologia, através da publicação, na revista *Análise Social*, de uma irónica recensão (Cutileiro 2002) do volume *Elites Choice. Leadership and Succession* (Pina-Cabral & Lima 2000). Nela, Cutileiro retrata assim a disciplina: “Deixei a antropologia há um quarto de século, depois de ter vivido com ela durante doze anos, e tinha-me esquecido da ‘seca’ que pode ser. De mais para bisbilhotice e de menos para ciência, abre frestas nas portadas das casa dos outros e convida-nos a espreitar – mas entre as vidas lá dentro e o nosso olhar curioso desce às vezes um véu espesso de jargão profissional que ofende bom senso e bom gosto (...) A corporação, porém, é tolerante: os antropólogos sociais dirigem-se primeiro que tudo uns aos outros e por isso habituaram-se a sofrer entre si maneiras de escrever pretensiosas. É duplamente pena – por ser assim e por ser escusado que assim fosse. Tal como a história, a antropologia social não é uma ciência, é uma arte; os assuntos de que trata e os métodos que usa não estão fora do alcance de uma cabeça geralmente culta.” (Cutileiro 2002: 1249).

(Callier-Boisvert 1966). Tendo regressado ao Soajo em textos posteriores (Callier-Boisvert 1999), propôs também a primeira caracterização de conjunto do sistema de parentesco em Portugal (Callier-Boisvert 1968) e publicou artigos sobre a Romaria de São Bartolomeu do Mar (1969) e sobre os estudos ruralistas em Portugal (1967). Nos anos 1970 investigou aspectos da imigração portuguesa em França (Callier-Boisvert & Bretell 1977, Callier-Boisvert 1978, 1981), dirigindo actualmente o Groupe d'Antropologie du Portugal, no âmbito da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris).

Rompendo com a ligação umbilical que os discursos antropológicos sobre Portugal tinham até então mantido com a questão da identidade nacional, Riegelhaupt, Cutileiro e Callier-Boisvert produzem um olhar sobre a ruralidade portuguesa dos anos 1960 que pode ser classificado, em primeiro lugar, como um “olhar de fora”. Trata-se, se se quiser – como de resto sugere o título deste artigo –, de um olhar produzido por três “estrangeiros” sobre Portugal. Em dois casos – Joyce Riegelhaupt e Colette Callier-Boisvert – estamos de facto perante dois estrangeiros no sentido literal da palavra. Nos três casos – incluindo também aqui o português José Cutileiro – estamos também perante três “estrangeiros”, no sentido em que se trata de autores que olham para o Portugal rural “fora” daquela que era até então a tradição consagrada de reflexão antropológica sobre Portugal e a partir dos critérios teóricos e metodológicos daquilo que, no seguimento de Stocking (1982), podemos chamar de “antropologia internacional”.

De facto, desde os anos 1930/1940 que a antropologia internacional – que até aí privilegiava como seu objecto de estudo exclusivo os “primitivos” – tinha acrescentado a esse seu interesse estruturante pelas sociedades e culturas não-ocidentais, um interesse suplementar pelo estudo das sociedades e culturas camponesas. Estas, que até aí eram estudadas basicamente pelas “antropologias de construção da nação”, passam a ser estudadas pela antropologia *mainstream*.

O movimento começa nos EUA e tem em Robert Redfield o seu principal protagonista.<sup>6</sup> A sua descoberta das sociedades camponesas faz-se curiosamente a partir da sociologia urbana, mais precisamente, a partir da sociologia urbana da Escola de Chicago. Redfield casou com uma filha de Robert Park e viu-se por essa via integrado num projecto de estudo da minoria mexicana em Chicago. É a partir desse estudo que – inspirado na pesquisa de Thomas e Znaniecki sobre os imigrantes polacos nos EUA – ele opta por aprofundar o tema, tentando perceber *in loco* alguns aspectos da cultura mexicana tradicional. Com esse objectivo, re-

---

<sup>6</sup> Sobre Redfield, ver por exemplo Stocking 1989 e Wolf 2001. Para uma caracterização de alguns aspectos do interesse inicial da antropologia norte-americana sobre as sociedades camponesas cf. Silverman 2001.

aliza trabalho de campo em Tepoztlán no final dos anos 1920, que conduziu à publicação em 1930 da monografia *Tepoztlán, a Mexican Village. A Study of Folk Life* (1930). Mais tarde, colabora numa pesquisa colectiva centrada em quatro comunidades da península do Yucatan, a partir da qual redige o seu importante *The Folk Culture of Yucatan* (1941), e, mais tarde, *The Village that Choose Progress* (1950).

Para além destes estudos monográficos, Redfield foi ainda um dos teorizadores – juntamente com Kroeber – do novo objecto de estudo. Para além do seu valor monográfico, *The Folk Culture of Yucatan* (1941), é, como tem sido sublinhado, um importante texto teórico de conceptualização das relações entre campo e cidade. É entretanto nos anos 1950 que viriam a ser editados os seus mais relevantes textos nessa área: *Little Community* (1955) e *Peasant Culture and Society* (1956). É sua a formulação mais conhecida da ideia, inicialmente desenvolvida por Kroeber, de acordo com a qual sociedade camponesa seria uma “part society with a part culture”. São também seus alguns dos conceitos e linhas de pesquisa que marcarão duradouramente a reflexão norte-americana sobre os campesinatos. Entre elas, por exemplo, encontra-se o “folk/urban continuum” – ao qual terei ocasião de regressar no decurso deste texto – como quadro explicativo para o processo de transformação social das comunidades camponesas.

A partir de Redfield, em particular no período do pós-II Guerra, a reflexão antropológica sobre sociedades e culturas camponesas torna-se um ramo cada vez mais próspero da antropologia norte-americana.<sup>7</sup> Na continuação das opções de terreno de Redfield, a América Central e a América Latina confirmam-se como os palcos privilegiados deste crescente envolvimento da antropologia norte-americana com o estudo antropológico dos camponeses. Para além dos trabalhos de Oscar Lewis (1972 [1951]), os estudos de Steward na Costa Rica (Steward *et al* 1956) são a este respeito particularmente importantes, tanto mais que é no seu âmbito que Eric Wolf – que rapidamente se transformará na nova figura de referência dos estudos antropológicos sobre camponeses – começa por desenvolver a sua pesquisa.

Gradualmente, porém, a este enfoque na América Central e Latina a antropologia norte-americana acrescentará um interesse mais alargado por sociedades

---

<sup>7</sup> O desenvolvimento da antropologia camponesa norte-americana no pós-II Guerra tem sido relacionado tanto com um certo número de condições externas – a ideologia modernizadora prevalecente nas relações entre I e III Mundo, o desenvolvimento das revoluções camponesas no III Mundo – como com condições internas à própria antropologia – com relevo para o processo de gradual “desprimitivização” da antropologia. Sobre os condicionamentos externos da antropologia camponesa norte-americana no pós-II Guerra, cf., por exemplo, as propostas de Kearney (1995), embora a sua análise do contexto geopolítico possua aspectos discutíveis.

camponesas de outras áreas do mundo. Entre essas novas áreas – para além da Indonésia, da Índia ou da China – encontra-se também a Europa. O estudo pioneiro nesta área – se descontarmos o trabalho de Charlotte Gower Chapman na Sicília, que permanecerá inédito até 1971 – tinha sido o de Arensberg, *The Irish Countrymen* (1937).<sup>8</sup> Será entretanto preciso esperar pelos anos 1960 para que esse interesse da antropologia norte-americana pelos camponeses europeus se torne mais consistente. É justamente dessa década que data o trabalho de campo europeu de antropólogos como Eric Wolf e John Cole (Cole & Wolf 1974), Sydel Silverman (1965, 1966, 1968) ou Jane e Peter Schneider (Schneider, J., 1969, 1971, Schneider, P., 1969).

Simultaneamente, na própria Europa, em particular na Grã-Bretanha, os antropólogos descobrem também as comunidades camponesas como objecto de estudo. Se nos EUA essa descoberta tem em Redfield o seu nome principal, na Grã-Bretanha é Julian Pitt-Rivers a sua figura central. Aluno de Evans-Pritchard, treinado como candidato a africanista, Pitt Rivers acaba por optar pela Andaluzia como seu campo de estudo, publicando em 1954 *The People of The Sierra* (Pitt Rivers 1954), sobre Grazalema, uma aldeia dessa região espanhola. É com estranheza inicial que esta re-orientação europeísta da antropologia social inglesa é acolhida. Tendo tentado editar inicialmente a sua monografia na Clarendon Press, Pitt-Rivers recebeu como resposta uma carta do editor onde ele lhe explicava “muito brevemente que os antropólogos se deveriam limitar a estudar os povos primitivos e não pisar o terreno dos historiadores” (Pitt-Rivers 2001: 59). No próprio prefácio de Evans-Pritchard, que assegurara a orientação da pesquisa de Pitt Rivers, “havia um espécie de atitude defensiva acerca da possibilidade de um antropólogo fazer ‘verdadeira’ antropologia – largamente assumida (pelo menos em Oxford) como estando associada ao primitivismo e a dificuldades no trabalho de campo – na Europa mediterrânica” (Silverman 2001: 45).

Mas, uma vez ultrapassado este choque inicial, a viragem europeia da antropologia britânica irá conhecer, no decurso dos anos 1960, um processo de ampliação decisiva. John Campbell (1964), John Peristiany (1965, 1968), John Davis (1973, 1977) ou Juliet du Boulay (1974) são algumas das figuras centrais desse novo curso da antropologia britânica, que se vê fortalecido pela realização das conferências de Burg Wartenstein, em 1959, e Aix-en-Provence, em 1966. Gradualmente definem-se também alguns dos grandes traços estruturantes deste interesse britânico pelos camponeses. Assim, em primeiro lugar, esse interesse é um

<sup>8</sup> A pesquisa antropológica de Charlotte Gower Chapman na Sicília decorreu sensivelmente na mesma altura em que Redfield trabalhava no México mas só será entretanto publicada em 1971 (Gower Chapman 1971). Sobre esta autora ver Lepowsky 2000, onde se sublinha designadamente a influência que, novamente a escola de Chicago, em particular W. I. Thomas, teve na sua opção de pesquisa pela Sicília.

interesse circunscrito a uma área precisa da Europa: o Mediterrâneo. Essa área, para além da sua dimensão europeia, é vista desde o início como englobando também a África do Norte e o Médio Oriente. Em segundo lugar, no estudo antropológico dessa área, dois grandes tópicos organizadores, de clara inspiração funcionalista, se impõem como chaves – a estrutura social e os sistema de valores. Nesse quadro lato, em terceiro lugar, a antropologia mediterrânica inglesa rapidamente se articula com o desenvolvimento de alguns *gate keeping concepts* (Appadurai 1986, Fardon 1990), entre os quais se encontram, por exemplo, os conceitos de honra e vergonha e patrocínio. A importância do primeiro tema, em particular, deve ser sublinhada, dada a importância que, a partir da obra colectiva editada por John Peristiany (1965), passará a ter na percepção antropológica do Mediterrâneo.

Articulada basicamente por antropólogos ingleses que trocavam os destinos clássicos da antropologia de Oxford pelos novos e mais próximos destinos mediterrânicos, a antropologia mediterrânica – que até então apenas havia desenvolvido algumas cooperações pontuais com académicos “nativos” – começa, a partir do final dos anos 1960 e do início da década de 1970, a contar com uma participação de alguns antropólogos originários dos diferentes países do Sul da Europa, em ruptura com as tradições locais de *nation building anthropology* e adeptos de uma antropologia moderna capaz de entender bloqueios estruturais de sociedades em que a maioria da população era ainda rural. Carmelo Lisón Tolosana (1966) constitui o exemplo mais claro desta tendência.

Este movimento de interesse pelo estudo antropológico das comunidades camponesas não deixou também indiferente a França. Neste país, a par de uma tradição, que remonta à Escola Sociológica Francesa, em que a antropologia – ou etnologia – era vista como a “ciência das sociedades primitivas”, desenvolvera-se também uma tradição folclorista forte, em que, a par de nomes como Sébillot, Gaidoz, Varagnac, etc., avulta sobretudo a figura de Van Gennep.<sup>9</sup> A partir da II Guerra Mundial, inicia-se um processo de renovação dessa tradição, de que a figura emblemática é Marcel Maget, director do Musée des Arts et Traditions Populaires e um dos fundadores da Société Internationale d’Ethnologie et Folklore (SIEF). Na sequência desse processo de renovação, aparecem então obras como *Nouvelle, Un Village Français* (Bernot & Blancart 1953) e *Le Tarasque* (Dumont, 1951). Nos anos 1960 este movimento aprofunda-se, designadamente através de grandes estudos de equipa sobre áreas ou aldeias precisas. É o que se passa com

<sup>9</sup> Sobre os principais folcloristas franceses, cf. Cocchiara 1981. Sobre Van Gennep, cf. Belmont 1974. Para um visão de conjunto do desenvolvimento de uma antropologia das sociedades camponesas em França no decurso do século XX, cf. Cuisenier & Segalen 1986.

o estudo de Chanzeaux, dirigido pelo antropólogo norte-americano Laurence Wylie (1970) – que já anteriormente havia realizado um estudo de comunidade em Vaucluse (1957) –, Plozévet (Burguière 1975) mas sobretudo o Aubrac (*L'Aubrac....*, 1970-1986). Nesta renovação dos estudos sobre camponeses em França avultam alguns traços principais. Em primeiro lugar, nota-se uma orientação preferencial para o estudo de comunidades camponesas situadas no interior da própria sociedade francesa.<sup>10</sup> Em segundo lugar, comparativamente ao que se passava então nos EUA e na Inglaterra, predomina uma certa indefinição empírica e teórica, expressa numa maior multiplicidade de objectos e de abordagens e numa maior disponibilidade para a interdisciplinaridade. Essa indefinição só nos anos 1970 começa a enfraquecer, em consequência da atracção que o estruturalismo de Lévi-Strauss passa a exercer na cena antropológica francesa. Temas como o ritual ou o parentesco tornam-se então dominantes na antropologia francesa das sociedades camponesas. A pesquisa colectiva de Françoise Zonabend (1980), Yvonne Verdier (1979) Tina Jolas (Jolas *et all* 1990) e Marie-Claire Pingaud (1978) na aldeia de Minot é a melhor expressão desta re-orientação estruturalista da etnologia francesa dos anos 1970.

Pode-se pois dizer que nos grandes centros da antropologia internacional – e de forma mais marcada nos EUA e na Grã Bretanha – o pós Guerra é marcado em plano de relevo por um processo de re-orientação da antropologia internacional para as sociedades e culturas camponesas, com incidências importantes na Europa. Tendo atingido o seu ponto culminante nos anos 1960 e 1970, esta re-orientação toma, como acabámos de ver, variadas formas, quer quanto aos temas e locais de pesquisa, quer quanto às linhas teóricas prevaletentes.

Independentemente dessas formas, alguns traços principais caracterizam essa viragem camponesa da antropologia internacional do pós Guerra. Em primeiro lugar, triunfa uma abordagem indiferente e mesmo hostil às tradições nacionais de antropologia de construção da nação que, até então, haviam dominado a cena antropológica desses países. Esses estudos são ou ignorados ou hostilizados.<sup>11</sup> O exemplo mais conhecido desta hostilização das tradições nacionais de antropologia é fornecido por John Davis no prefácio ao seu *The People of the Mediterranean*, quando define esses antropólogos como uma espécie de “Tylorian Professors” ou “Japanese Corporals”:

---

<sup>10</sup> As excepções mais notórias são constituídas pelas pesquisas de Bourdieu (1972) na Argélia e de Cuisenier (1976) na Tunísia.

<sup>11</sup> A excepção é Caro Baroja em Espanha, sucessivamente convidado para as conferências internacionais de Burg Wartenstein e Aix-en-Provence, colaborador da colectânea sobre honra e vergonha editada por Peristiany (1965) e com obras traduzidas em francês.

Nalguns países, o trabalho de fornecer uma base científica às reivindicações nacionalistas tomou um tal significado simbólico que a antropologia deixou de ser uma actividade académica em constante desenvolvimento para se fossilizar de tal maneira que um antropólogo contemporâneo oriundo de França, da Inglaterra ou dos EUA, transportando as metralhadoras intelectuais de última geração na sua bagagem, pode ser subitamente confrontado por um “Tylolean” ou por um “Frazerian professor”, uma espécie de “Japanese corporal” saindo da selva para conduzir uma batalha que só ele sabe que ainda está a ser travada (Davis 1977: 3-4).<sup>12</sup>

O segundo traço relevante prende-se com a adopção das convenções metodológicas e teóricas daquilo que podemos chamar a antropologia moderna tal como esta se configura no período longo que vai de 1922 a 1986.<sup>13</sup> Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma antropologia que tem no trabalho de campo intensivo “à Malinowski” o seu método preferencial de trabalho. É pois uma antropologia que enfatiza o “presente etnográfico”, que valoriza a importância do chamado “ponto de vista indígena” e que tem no estudo de comunidade a sua estratégia metodológica fundamental e na monografia o seu modo favorito de apresentação de resultados. Do ponto de vista teórico, trata-se de uma antropologia que olha para as comunidades que estuda como sistemas culturais e/ou sociais dotados de algum grau de coerência e que defende o uso controlado de conceitos e a comparabilidade como via para chegar a generalizações teóricas sobre o seu objecto de estudo.

## A revolução moderna em Portugal

Em Portugal, há alguns sinais dessa antropologia moderna aplicada aos camponeses anteriormente aos anos 1960. O caso mais conhecido – como de resto o reconhecem os “estrangeiros” em Portugal – é o dos estudos que Jorge Dias escreveu sobre Vilarinho da Furna e Rio de Onor, respectivamente em 1948 e em 1953 (Dias 1948a, 1953).<sup>14</sup> Simultaneamente, nos estudos sobre tecnologias tradi-

<sup>12</sup> Para um comentário a este texto de John Davis, cf. Leal 2001a.

<sup>13</sup> Uso aqui a expressão “antropologia moderna” num sentido similar ao da expressão “antropologia clássica”, tal como Renato Rosaldo (1989: 20) a definiu.

<sup>14</sup> Não é por acaso que, em contraste com a indiferença ou a hostilidade com que a antropologia camponesa internacional trata os antropólogos “indígenas”, podemos surpreender em Riegelhaupt, Cutileiro e Callier-Boisvert palavras de apreço para com o trabalho de Jorge Dias e da sua equipa. Riegelhaupt, ao passar em revista os estudos etnográficos disponíveis sobre Portugal, refere-se a Jorge Dias nos seguin-

cionais da equipa de Jorge Dias, à medida que nos aproximamos dos anos 1960, há uma crescente abertura para a análise dos materiais recolhidos em termos da sua inserção na economia e na sociedade camponesas, que se acentuará nos anos 1970 e 1980.

Esses sinais de modernidade antropológica são entretanto fracos. Assim, embora os estudos sobre Vilarinho da Furna e Rio de Onor adoptem alguns dos preceitos do trabalho de campo “à Malinowski” e se apresentem sob a forma de monografias, é fraco o peso de conceitos e generalizações “modernistas”. De facto, como tem sido sublinhado, ambas as monografias têm um pendor essencialmente descritivo, apenas interrompido pontualmente por generalizações teóricas, com aquelas que em Rio de Onor, Jorge Dias consagra à caracterização da cultura dessa aldeia transmontana como apresentando – nos termos da teoria de Ruth Benedict sobre os “padrões de cultura” – características dionisíacas (Dias 1953: 541-542). Quanto aos estudos das tecnologias agrícolas, a par dessa atitude de abertura para o contexto económico e social camponês, exibem ainda um historicismo de recorte difusionista onde se deixa ler o peso da problemática estruturante da identidade nacional. O caso mais expressivo a este respeito é sem dúvida o da bela monografia que Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano consagraram aos espigueiros do Noroeste (Dias, Oliveira & Galhano 1963). Aí, a par de uma atenção ao espigueiro como produto de um modo de vida rural profundamente transformado pela revolução do milho, persiste uma aproximação etnogenealógica que faz dos suevos os heróis civilizadores do Noroeste português.

É preciso pois esperar pelos anos 1960 para que, com Joyce Riegelhaupt, Colette Callier-Boivert e José Cutileiro, esses sinais de renovação se tornem mais fortes e a revolução modernista chegue – importada de fora – à antropologia portuguesa.

Originários das diferentes tradições nacionais e académicas que hegemonizavam – como acabámos de ver – a antropologia internacional das sociedades camponesas, Riegelhaupt, Callier-Boivert e Cutileiro escreverão sobre Portugal a

---

tes termos: “Jorge Dias forneceu dados etnográficos excelentes sobre duas aldeias ‘comunitárias’ do extremo Nordeste do país” (1964: 8). Quanto a Cutileiro refere-se às monografias de Jorge Dias sobre Vilarinho da Furna e Rio de Onor como “estudos clássicos” (1971b: XI). No mesmo texto, classifica o ensaio de Jorge Dias “Algumas Considerações acerca da Estrutura Social do Povo Português” (Dias 1990b) como um “ensaio fundamental” (Cutileiro 1971b.: XXVI), lamentando, de seguida, “que nenhuma investigação comparativa se [tenha] feito a partir das suas sugestões” (id., *ibid.*). Mas o caso mais evidente é o de Colette Callier-Boisvert. Além de conhecer de forma detalhada a bibliografia etnográfica sobre Portugal (Callier-Boisvert 1967), a antropóloga francesa recorreu de forma regular aos escritos de Dias e seus colegas na sua produção antropológica sobre Portugal. O caso mais conhecido é do artigo sobre família e sistemas de parentesco em Portugal (Callier-Boisvert 1968), que se apoia de forma decisiva, no tocante às formas de parentesco ritual, na pesquisa de Veiga de Oliveira.

partir das premissas dominantes nos estudos sobre camponeses em cada uma dessas tradições. Com eles, se se quiser, são diferentes versões do processo de modernização da antropologia que chegam, quase simultaneamente, a Portugal.

Assim, Joyce Riegelhaupt, escrevendo sobre São João das Lampas, trabalha basicamente a partir das preocupações da tradição norte-americana de estudos camponeses. Na introdução à sua tese de doutoramento, *In the Shadow of the City* (1964), pode-se encontrar uma apresentação do estado da arte marcado antes do mais pela invocação das principais figuras dessa tradição. Robert Redfield e Kroeber e as suas definições das sociedades camponesas como “part-societies with part cultures” são referidos e Steward e Wolf são também amplamente citados.

Mas mais importante do que essas referências é o modo como elas são utilizadas no quadro da formulação de um problema teórico fortemente marcado por discussões em curso na tradição antropológica norte-americana. São João das Lampas é vista como uma sociedade camponesa em vias de integração na sociedade envolvente e, para Riegelhaupt, a grande questão é a caracterização da natureza exacta desse processo de “integração”. A tese de Redfield a esse respeito, formulada em 1941, é do “folk urban continuum”: seria a proximidade em relação a um centro urbano – neste caso Lisboa – que explicaria esse processo de integração. Essa tese, entretanto, começava a ser posta em causa por autores que sublinhavam, ao invés, a importância dos processos formais de penetração das instituições nacionais – independentemente da proximidade com a cidade – no processo de integração das sociedades camponesas. Riegelhaupt fornecerá justamente uma interpretação do seu material português favorável às teses que criticavam o “folk urban continuum” redfieldiano. Segundo ela, “A autonomia de São João das Lampas já não consegue ser demonstrada” e o facto deve ser visto como resultando dos

efeitos directos e da penetração de certas instituições nacionais na aldeia. Estas instituições, as instituições económicas, políticas e religiosas da sociedade mais larga (...), embora emanando da cidade, não são (...) efectivas em qualquer comunidade apenas devido à proximidade desta com a cidade. Os requisitos e as exigências do sistema político e religioso de uma sociedade complexa relativamente a uma determinada comunidade não parecem estar relacionados seja com crescentes contactos com a cidade, seja com uma maior proximidade relativamente a esta (1964: 5).

A demonstração é conduzida em três planos interdependentes, cada um deles trabalhado num capítulo específico da tese. Assim, no capítulo sobre a vida económica, Riegelhaupt tenta mostrar como:

A vida económica de São João das Lampas [se] fundiu com a da sociedade envolvente e [se] encontra sob o controle das autoridades exteriores. O habitante da aldeia, tanto no sector agrícola como nas novas ocupações assalariadas, encontra-se agora economicamente integrado na sociedade nacional (id.: 147).

Na secção consagrada à organização política é a mesma ideia que é demonstrada:

A natureza autárquica da vida política portuguesa é largamente fictícia. A nossa análise sugere que o Estado Novo retirou à freguesia qualquer autonomia como unidade politicamente operante. As instituições políticas da sociedade envolvente removeram de forma efectiva da comunidade qualquer capacidade de funcionamento político interno (id.: 163-164).

No capítulo dedicado à religião é também à constatação da crescente presença da igreja como força de integração na sociedade envolvente que é sublinhada: “Também a igreja (...) exige cada vez mais dos seus fiéis a participação na sociedade envolvente (neste caso nos ritos universais da igreja) em vez da participação na rede fechada dos rituais unificadores locais que caracterizavam o comportamento religioso no passado” (id.: 226-227).

Na conclusão, finalmente, é a tese central organizadora de toda a monografia que é reiterada e fundamentada teoricamente através de uma comparação com outros estudos de caso centrados em comunidades camponesas mediterrânicas, latino-americanas e asiáticas. Aquilo que poderia ser visto como uma conclusão de alcance sobretudo local é transformado numa hipótese mais global de trabalho com valor explicativo geral que acentua o modo como o processo de modernização das comunidades camponesas “não é meramente um produto da proximidade relativamente a um centro urbano” mas “o produto da crescente penetração das instituições formais, económicas, políticas e religiosas da nação na vida da comunidade” (id.: 240).

Se passarmos para José Cutileiro e para a sua monografia *A Portuguese Rural Society* (1971a, 1977), são por seu turno as convenções principais da antropologia mediterrânica inglesa que podemos encontrar.

Desde logo, o seu estudo de Vila Velha é um estudo de antropologia mediterrânica, sobre uma freguesia do Sul de Portugal vista como pertencendo à área cultural do Mediterrâneo. Se no texto em si as citações da antropologia mediterrânica são escassas, na bibliografia esse diálogo preferencial com o Mediterrâneo como categoria antropológica é tornado claro: os autores e títulos citados na II secção pertencem todos eles à tradição mediterrânica de língua inglesa

e esboçam um quadro de referências que se estende de Espanha à Grécia e da Itália ao Norte de África.

Em segundo lugar, a aproximação que Cutileiro propõe a Vila Velha é claramente influenciada pelas temáticas privilegiadas pela antropologia mediterrânica. A monografia divide-se em cinco partes – respectivamente intituladas “Posse da terra – estratificação social”, “Família, parentesco e vizinhança”, “A estrutura política”, “O patrocínio”, “A religião” – que ecoam o cânone da monografia mediterrânica, com o seu acento simultâneo nas formas de organização social e no sistema de valores.

Por fim, *A Portuguese Rural Society* é um livro fortemente influenciado por alguns dos mais importantes *gate keeping concepts* da antropologia social mediterrânica: “O patrocínio” é o título de uma das partes fundamentais do livro e nele um dos aspectos explorados, à semelhança do que já haviam feito outros antropólogos mediterrânicos, é a relação entre patrocínio e parentesco ritual. No capítulo sobre “Família, parentesco e vizinhança” os conceitos de “honra e vergonha” são também utilizados, nomeadamente na caracterização dos estatutos respectivos de marido e mulher.

Mas será sobretudo no quadro do prefácio que escreveu para a edição portuguesa de *A Honra e a Vergonha nas Sociedades Mediterrânicas* (1971b) que este tema virá ser mais amplamente abordado por Cutileiro. Duas ideias são aí fundamentais. A primeira tem a ver com as particularidades do caso português no quadro mais vasto do Mediterrâneo:

A honra e a vergonha da gente de Vila Velha não apresenta (...) os aspectos dramáticos da honra e da vergonha dos sarakatsani gregos, dos cabílios da Argélia, dos beduínos do Deserto Ocidental do Egipto ou dos andaluzes da província de Ronda. Mas os princípios fundamentais são os mesmos: primado da família e, para segurança desta, importância da prosperidade, aqui geralmente em terra (noutros lugares em terra ou em gado) e importância do comportamento sexual das esposas e filhas (id.: XXV).

A segunda prende-se com a importância da estratificação social no código moral da honra e da vergonha. Embora em Vila Velha não haja “uma moral dos ricos e uma moral dos pobres, nem ‘uma moral feita pelos ricos para os pobres’, mas uma só moral, dos ricos e dos pobres (...), os primeiros [têm] mais possibilidades de viver de acordo com ela do que os segundos” (id.: XXI).

Finalmente, no caso de Colette Callier-Boisvert, são algumas das características principais da etnologia francesa comprometida com o estudo das sociedades camponesas europeias que podemos encontrar. Do seu texto mais importante –

“Soajo. Une Communauté Féminine Rurale de l’Alto-Minho” (1966) – desprende-se com efeito uma sensação de singularidade que ganha tudo em ser vista à luz da indefinição empírica e teórica da escola francesa.

Passando em revista diversos aspectos da vida económica e social do Soajo, Callier-Boisvert está sobretudo interessada em explorar o impacto da emigração nesta aldeia do Alto Minho e, em particular, o modo como ela reforçou o peso económico e social da mulher na vida da comunidade. É justamente para essa problemática que remete o título do artigo – “Soajo. Une *Communauté Féminine Rurale de l’Alto-Minho*” (os itálicos são meus) – e é também para ela que reenvia o parágrafo inicial do texto:

O movimento de emigração masculina que afecta desde há muito o Norte de Portugal, e que se intensificou, em particular para França, no decurso dos últimos anos, teve como efeito, em certos casos, deixar às mulheres a responsabilidade completa da organização das comunidades rurais. É o que se passa no Soajo (id.: 236).

Partindo da emigração como vector estruturante de uma comunidade rural, a contribuição de Callier-Boisvert é percorrida por uma sensibilidade feminista que deve ser também sublinhada. Ela refere, por exemplo, os custos que para as mulheres tem a feminização da actividade económica e social da comunidade. Assim, “Os cuidados pessoais da mulher (...) são, nesta comunidade rural, reduzidos ao mínimo, não somente devido à sua falta de interesse ou de educação, mas também *porque ela substitui o chefe da família: as suas responsabilidades são muito grandes e as suas actividade múltiplas* (id.: 251-252; os itálicos são meus).

Simultaneamente, insiste repetidamente sobre o desenvolvimento de uma solidariedade exclusivamente feminina que derivaria do novo papel económico e social assumido pela mulher nesta comunidade:

A emigração masculina tem uma consequência maior para a vida social da aldeia: ela favoreceu a criação e o desenvolvimento e a consolidação de um laço de solidariedade entre as mulheres, que se constituíram numa grupo homogéneo, numa ‘sociedade’ natural muito forte, com os seus direitos e a sua censura, que dirige de forma subjacente a vida da comunidade (id.: 268-269)

Mas é sobretudo na parte final do texto que esta sensibilidade feminista se torna mais clara, quando, referenciando o estado de “mal estar” feminino provocado pelo acumular de novas responsabilidades, Callier-Boisvert escreve:

Algumas mulheres mais jovens seguiram o marido para o estrangeiro. Tendo a experiência sido positiva, o seu exemplo incita as outras a imitarem-nas. Ainda não se trata de um revolta contra a escravatura dos trabalhos agrícolas porque o amor da terra permanece um laço muito forte, mais é já o desejo novo de uma certa equidade (id.: 278).

É justamente este acento feminista do texto de Callier-Boisvert – pouco usual na antropologia europeia dos anos 1960 – e, simultaneamente, a sua consideração da emigração como um vector estruturante da comunidade – também muito rara nesse período –, que melhor reflectem a inserção da autora na tradição francesa de estudos camponeses. É a indeterminação empírica e teórica que caracteriza essa tradição e a abertura que tal possibilita que podem explicar a singularidade que se desprende deste seu texto.

Vimos anteriormente que, partindo desta irresolução empírica e teórica, a antropologia francesa das sociedades camponesas se irá orientar posteriormente para um diálogo preferencial com temáticas de inspiração estruturalista. A produção de Callier-Boisvert no decurso dos anos 1960 testemunha também deste padrão. De facto, escrevendo por exemplo acerca do sistema de parentesco em Portugal – num artigo significativamente publicado na revista *L'Homme* (1968) que, sob a direcção de Lévi-Strauss, era então a publicação periódica emblemática do estruturalismo francês – Callier-Boisvert está a escrever sobre um tema que se impõe então como dominante na cena estruturalista em França, em termos que não deixam de evocar esse lastro teórico.

### **Um nova visão do campo**

Ligados a três tradições antropológicas distintas, Riegelhaupt, Cutileiro e Callier-Boisvert fazem pois chegar a Portugal, de formas diferenciadas, as principais aquisições da antropologia moderna e da sua reflexão sobre o mundo rural e os camponeses. A introdução dessas aquisições significa a emergência de um olhar sobre o mundo rural bastante distinto do que havia dominado a antropologia portuguesa desde 1870.

Essas diferenças podem ser apercebidas a vários níveis. A antropologia portuguesa desde 1870 era uma antropologia que via a cultura popular como um conjunto de tradições orais e/ou de objectos. Era uma antropologia que retinha sobretudo o estranho, o pitoresco, o curioso, a tradição considerada autêntica. Era finalmente uma antropologia que interrogava esses seus objectos preferidos de acordo com uma perspectiva etnogenealógica, que fazia da cultura popular um vestígio do passado.

Com os autores que passámos em revista passa-se para uma antropologia que, em vez de tradições e/ou objectos, passa a colocar no centro da sua indagação pessoas, grupos, processos culturais e sociais. De facto, nos três casos, os principais protagonistas da “nova antropologia” são pequenas comunidades rurais situadas em diferentes áreas do país, das quais se tentam caracterizar aspectos da estrutura familiar, social e política, os sistemas de valores prevalecente e o tipo de interacções que mantêm com a sociedade envolvente.

Em segundo lugar trata-se de uma antropologia em que o pitoresco é substituído pelo banal. A ordem do dia não é tanto estudar costumes “poéticos” e estranhos, ou rituais complexos, mas entender antropologicamente comunidades que podem ser vistas como relativamente “vulgares”. De facto, tanto São João das Lampas como Vila Velha, na descrição que delas nos fazem Riegelhaupt e Cutileiro, são flagrantemente similares a muitas outras freguesias rurais da Estremadura e do Alentejo e não há nelas nada de etnograficamente heróico. Comparativamente ao elenco de tradições e objectos até então valorizado pela antropologia portuguesa, pode até detectar-se aquilo que se poderia chamar uma certa “pobreza etnográfica”, particularmente evidente no artigo que Riegelhaupt publicou na revista *American Anthropologist* (1973) As festas que ela aí descreve, exceptuando a particularidade de se integrarem num sistema de “círios” razoavelmente singular, são, no plano local, festas patronais que pouco diferem do modelo mais usual prevalecente ao longo do país. Só o Soajo de Callier-Boisvert destoa aparentemente desta banalidade. Aí, o comunitarismo, as mulheres vestidas de preto quando os homens emigram, parecem introduzir uma nota de algum exotismo.<sup>15</sup> Só que, por detrás destas peculiaridades, o que parece interessar verdadeiramente Callier-Boisvert é um dos aspectos centrais do quotidiano vulgar da maioria das comunidades camponesas portuguesas dos anos 1960: a emigração.<sup>16</sup>

Finalmente esta “nova” antropologia de Portugal proposta a partir de fora, em vez de cultivar o passado, interroga o presente etnográfico e os processos de mudança social. Joyce Riegelhaupt é a esse respeito a autora mais expressiva, particularmente na sua monografia *In the Shadow of the City* (1964). O que lhe interessa é o processo recente de crescente integração de uma freguesia de Estremadura na sociedade envolvente, e, por seu intermédio, o declínio dos campo-

<sup>15</sup> Acerca deste ponto, cf. Medeiros 1999.

<sup>16</sup> Em contrapartida, no texto que Callier-Boisvert escreveu sobre a festa de São Bartolomeu do Mar (1969), é clara a atracção por uma festa marcada por formulações algo exóticas, que de resto irão atrair posteriormente o olhar de Ernesto Veiga de Oliveira (1971). Quanto ao texto sobre o sistema de parentesco português (Callier-Boisvert 1968) é um texto construído a meio caminho entre os usos do parentesco em sectores diversificados da sociedade portuguesa e a atracção por formulações mais singulares, como por exemplo, aquelas que têm a ver com formas populares de parentesco ritual.

neses enquanto membros de uma “part society with a part culture”. Cutileiro, pelo seu lado, interroga-se sobre os bloqueamentos de um tipo de sociedade rural – o Alentejo do latifúndio – onde, apesar das desigualdades e injustiças, não se vislumbravam então possibilidades de alteração radical da ordem instituída. Quanto a Callier-Boisvert, por fim, estuda de forma pioneira os impactos da emigração dos anos 1960 na vida económica e social de uma freguesia minhota cujo modo de vida tradicional se constrói por isso instavelmente entre a tradição e a mudança.

Mas há um plano mais decisivo de diferenciação entre esta nova antropologia e a tradição antropológica prevalecente em Portugal até à década de 1960. No fundo, a antropologia portuguesa desde 1870 que valorizava – a excepção é o curto período da viragem do século (cf. Leal 1995) – uma imagem romântica, pastoral, da ruralidade. Mesmo a esquerda – apesar de todas as suas outras diferenças em relação a esta aproximação romântica da ruralidade – descobria nela virtudes insuspeitas.<sup>17</sup> “Os estrangeiros em Portugal” vão subverter esta imagem romântica do campo e da ruralidade. O campo passa a ser visto como um lugar onde se desenvolvem processos, mudanças, transformações que comprometem essa visão idílica. O campo em Riegelhaupt, por exemplo, é um campo cada vez mais integrado na sociedade envolvente, caracterizado por um processo de modernização acelerada que a autora tenta restituir e compreender. Em Callier-Boisvert, por seu turno, o campo é um campo que os emigrantes abandonam, deixando as mulheres a tomar conta da terra.

Mas é sobretudo em Cutileiro, como tive ocasião de mostrar num texto anterior (Leal 2001b), que a visão idílica do mundo camponês prevalecente na antropologia portuguesa até 1960 é mais claramente posta em causa. Sendo o mais português destes três “estrangeiros”, Cutileiro escreve de facto de uma forma mais claramente comprometida com Portugal. Não é por acaso que *Ricos e Pobres no Alentejo* apresenta em epígrafe a citação de um conhecido verso de Alexandre O’Neill: “Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo”. Vila Velha, para Cutileiro, “era tanto um microcosmos antropológico do Mediterrâneo, como um microcosmos político e social do Portugal de Salazar” (Leal 2001b: 160), encarado de uma perspectiva de tal maneira crítica que o seu livro, embora originalmente publicado em 1971, só depois de 1974 viria a ser editado em Portugal.

Em consequência dessa perspectiva crítica, a sua monografia é percorrida por uma perspectiva claramente anti-pastoral:

A paisagem representada na sua monografia *Ricos e Pobres no Alentejo* era uma paisagem social, que retratava homens e mulheres concretos, interesses e visões

<sup>17</sup> Cf., a este respeito, Leal 2000, 2002.

do mundo em conflito, riqueza e pobreza extremas, o ócio capitalista e as difíceis condições de vida dos trabalhadores, a desigualdade social e a opressão política (id.: 157).

Em suma, a imagem do campo transmitida pela produção destes três autores encontra-se em ruptura com a imagem idílica anteriormente prevalecente.

Ao mesmo tempo que introduzem estas mudanças no tocante ao modo como o campo é visto, “os estrangeiros em Portugal” dissolvem também essa equação verdadeiramente estruturante da antropologia portuguesa durante cem anos: a equação entre cultura popular e identidade nacional. Ocorre uma dupla mudança de escala, que enfraquece significativamente o referente nacional. Essa mudança de escala valoriza, por um lado, o local como espaço de referência, em detrimento da escala de observação nacional. E, por outro lado, coloca a esfera local em diálogo privilegiado com outras esferas locais situadas supra-nacionalmente. Joyce Riegelhaupt, por exemplo, procede a comparações entre São João das Lampas e outras comunidades camponesas europeias, latino-americanas e asiáticas. Cutileiro, por seu turno, coloca Vila Velha numa perspectiva comparativa que tem o Mediterrâneo como quadro de referência central. O que interessa, em qualquer dos casos, não é a especificidade portuguesa dos factos estudados, mas o modo como ilustram processos – a dissolução das comunidades camponesas, as modalidades da estrutura social e do sistema de valores, a emigração e os seus impactos sócio-culturais – que actuam supra-nacionalmente.

Isso não quer dizer que o referente nacional esteja completamente ausente. É esse, como ficou atrás indicado, o caso de Cutileiro. Mas a nação que Cutileiro convoca é, como demonstrei (Leal 2001b), uma nação diferente daquela que convocavam os antropólogos portugueses até 1960. Não se trata de já de discutir e/ou fundamentar a essência da identidade nacional portuguesa, mas sim de identificar e interpretar problemas e entender bloqueamentos estruturais concretos da sociedade portuguesa encarada criticamente: “Para Cutileiro (...) não havia muito que pudesse ser enaltecido na identidade de um país que, mais do que viver sob a sombra protectora de magnânimos ancestrais étnicos, vivia debaixo das duras condições de uma ditadura” (id.:161).

## Conclusão

Caracterizada pelo potencial de inovação e ruptura que passámos em revista, a nova antropologia portuguesa proposta pelos “estrangeiros em Portugal” teve um impacto a curto prazo algo decepcionante.

De facto, os textos principais de Riegelhaupt, Cutileiro e Callier-Boisvert ou não circularam – é o caso da tese de Joyce Riegelhaupt sobre São João das Lampas, que, permanece, até hoje, inédita – ou circularam de forma restrita, em revistas de acesso reservado a um público especializado. O texto de José Cutileiro, por sua vez, só em 1977 teve a sua edição portuguesa. A sua influência foi pois reduzida na antropologia portuguesa da época e, apesar do paradigma modernizador a que obedecem as monografias de Riegelhaupt, Cutileiro e Callier-Boisvert, foi também reduzido o impacto que, a curto prazo, elas tiveram na sociologia “modernizadora” que nesse período Adérito Sedas Nunes tentava implementar em Portugal. Como afirmaram O’Neill e Pais de Brito a este respeito, “mesmo quando surge o livro de Cutileiro [em 1971], ainda não há qualquer enquadramento institucional que permita fazer repercuti-lo de forma sistemática” (1991a: 13). A modernidade que Riegelhaupt, Cutileiro e Callier-Boisvert trouxeram à antropologia portuguesa foi pois, de alguma forma, uma modernidade inacabada.

Será preciso esperar pelo efeito renovador que 1974 teve na cena antropológica portuguesa para que este processo de modernização da antropologia portuguesa se complete. A monografia de Cutileiro (1977) é então editada em Portugal, Riegelhaupt publica alguns dos seus ensaios em revistas portuguesas de ciências sociais com destaque para a *Análise Social* (1979, 1981, 1982), e, mais importante do que isso, surge uma nova geração de investigadores – uns estrangeiros, outros portugueses formados no estrangeiro, outros ainda com formação académica obtida já em Portugal – que vão fazer sua a missão de dar sequência à revolução moderna na antropologia portuguesa orientada para o estudo das sociedades camponesas.

Editada em 1991, a colectânea *Lugares de Aqui. Actas do Seminário ‘Terrenos Portugueses’* (O’Neill & Brito 1991b) é uma das expressões mais conhecidas dessa segunda vaga de modernização da antropologia portuguesa, estreitamente ligada a desenvolvimentos institucionais que têm sido abordados por vários autores.<sup>18</sup> Não deixa a este respeito de ser significativo que, na introdução ao livro (O’Neill & Brito 1991a: 12-13), Joyce Riegelhaupt, Colette Callier-Boisvert e José Cutileiro integrem em plano de relevo a “árvore genealógica” que aí é proposta da “antropologia que a democracia produziu” (cf. Pina Cabral 1998).

---

<sup>18</sup> Cf., por exemplo, Pina Cabral 1998.

---

## Referências Bibliográficas

- Appadurai, Arjun, 1986, "Theory in Anthropology: Center and Periphery", *Comparative Studies in Society and History* 29, 356-361.
- Arensberg, Conrad, 1937, *The Irish Countrymen*, Nova Iorque-Londres, MacMillan.
- L'Aubrac. *Étude Ethnologique, Linguistique, Agronomique et Économique d'un Établissement Humain*, 1970-1986, Paris, CNRS, 7 vols.
- Belmont, Nicole, 1974, *Arnold Van Gennep, le Créateur de l'Ethnographie Française*, Paris, Payot.
- Bernot, Lucien & René Blancard, 1953, *Nouvelle, un Village Français*, Paris, Institut d'Ethnologie.
- Bourdieu, Pierre, 1972, *Esquisse d'une Théorie de la Pratique, précédé de Trois Études d'Ethnologie Kabyle*, Genebra, Droz.
- Burguière, André, 1975, *Bretons de Plozévet*, Paris, Flammarion.
- Callier-Boisvert, Colette, 1966, "Soajo: une Communauté Féminine Rurale de l'Alto Minho", *Bulletin des Études Portugaises* XXVII, 237-278.
- Callier-Boisvert, Colette, 1967, "La Vie Rurale au Portugal. Panorama des Travaux en Langue Portugaise", *Études Rurales* 25, 95-134.
- Callier-Boisvert, Colette, 1968, "Remarques sur le Système de Parenté et sur la Famille au Portugal", *L'Homme* VIII (2), 87-103.
- Callier-Boisvert, Colette, 1969, "Survivances d'un 'Bain Sacré': São Bartolomeu do Mar", *Bulletin des Études Portugaises* XXX, 347-367.
- Callier-Boisvert, Colette, 1978, "Minorité et Groupe Folklorique", *Arquivos de Centro Cultural Português* XIII, 741-756.
- Callier-Boisvert, Colette, 1981, "Immigrés Portugais en France: Rôles Masculins et Rôles Féminins au Sein du Groupe Domestique", *Bulletin des Études Portugaises et Brésilienues* 39-40, 273-297.
- Callier-Boisvert, Colette, 1999, *Soajo entre Migrations et Mémoire. Étude sur Une Société Agro-Pastorale à l'Identité Rénovée*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Callier-Boisvert, Colette & Caroline Brettel, 1977, "Portuguese Immigrants in France: Familial and Social Networks and the Structuring of the Community", *Studi Emigrazione/ Études Migrations* 46, 149-203.
- Campbell, John, 1964, *Family, Honour and Patronage. A Study of Institutions and Moral Values in a Greek Mountain Village*, Oxford, Oxford University Press.
- Cocchiara, Giuseppe, 1981 (1952), *The History of Folklore in Europe*, Filadélfia, Institute for the Study of Human Issues.
- Cole, John & Eric Wolf, 1974, *The Hidden Frontier. Ecology and Ethnicity in an Alpine Valley*, Nova Iorque, Academic Press.
- Cuisenier, Jean, 1976, "Le Cycle Domestique dans l'Organization Familiale Traditionnelle en Tunisie", Persitiany, J. G. (ed.), *Mediterranean Family Structures*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Cuisenier, Jean & Martine Segalen, 1986, *Ethnologie de la France*, Paris, PUF.
- Cutileiro, José, 1971a, *A Portuguese Rural Society*, Oxford, Clarendon Press.
- Cutileiro, José, 1971b, "Introdução", Peristiany, J. G. (ed.), *Honra e Vergonha. Valores das Sociedades Mediterrânicas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, IX-XXVII.
- Cutileiro, José, 1977, *Ricos e Pobres no Alentejo. Uma Sociedade Rural Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa.
- Cutileiro, José, 2002, Recensão de Pina Cabral, João & Antónia Lima (eds), 2001, "Elite Choice, Leadership and Succession", *Análise Social* XXXVI (161), 1249-1251.
- Davis, John, 1973, *Land and Family in a South Italian Town*, Londres, Athlone.
- Davis, John, 1977, *People of the Mediterranean. An Essay in Comparative Social Anthropology*, Londres, Routledge & Kegan Paul.

- Dias, A. Jorge, 1948, *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*, Porto, Instituto de Alta Cultura.
- Dias, A. Jorge, 1953, *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, Porto, Instituto de Alta Cultura.
- Dias, A. Jorge, E. V. Oliveira & F. Galhano, 1963, *Sistemas Primitivos de Secagem e Armazenagem de Produtos Agrícolas. Os Espigueiros Portugueses*, Porto, Instituto de Alta Cultura.
- Du Boulay, Juliet, 1974, *Portrait of a Greek Mountain Village*, Oxford, Clarendon Press.
- Dumont, Louis, 1951, *Le Tarasque. Essai de Description d'un Fait Local d'un Point de Vue Ethnographique*, Paris, Gallimard.
- Fardon, Richard, 1990, "Localizing Strategies. The Regionalization of Ethnographic Accounts", Fardon, R. (ed.), *Localizing Strategies. Regional Traditions of Ethnographic Writing*, Edimburgo – Washington, Scottish Academic Press, Smithsonian Institution Press, 1-35.
- Forman, Shepard & Joyce Riegelhaupt, 1970a, "Bodo was Never Brazilian: Economic Integration and Rural Development among a Contemporary Peasantry", *The Journal of Economic History* XXX (1), 100-116.
- Forman, Shepard & Joyce Riegelhaupt, 1970b, "Market Place and Marketing System: Toward a Theory of Peasant Economic Integration", *Comparative Studies in Society and History* 12 (2), 188-212.
- Gower-Chapman, Charlotte, 1971, *Milocca. A Sicilian Village*, Londres, George Allen & Unwin.
- Jolas, Tina, Marie-Claire Pingaud, Yvonne Verdier & Françoise Zonabend, 1990, *Une Campagne Voisine, Minot, Un Village Bourguignon*, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Kearney, Michael, 1996, *Reconceptualizing Peasantry. Anthropology in Global Perspective*, Boulder CO, Westview Press.
- Leal, João, 1995, "Imagens Contrastadas do Povo. Cultura Popular e Identidade Nacional na Antropologia Portuguesa Oitocentista", Branco, Jorge Freitas e João Leal (eds.), "Retratos do País. Actas do Colóquio", *Revista Lusitana* (n.s.) 13/14, 125-144.
- Leal, João, 2000, *Etnografias Portuguesas (1870-1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Leal, João, 2001a, "'Tylorean Professors' and 'Japanese Corporals': Anthropological Theory and National Identity in Portuguese Ethnography", Albera, D., A.Blok & C. Bromberger (eds.), *Anthropologie de la Méditerranée. Anthropology of the Mediterranean*, Paris, Maisonneuve et Larose, 645-662.
- Leal, João, 2001b, "Orlando Ribeiro, Jorge Dias e José Cutileiro: Imagens do Portugal Mediterrânico", *Ler História* 40, 141-163.
- Leal, João, 2002, "Metamorfozes da Arte Popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia, Ernesto de Sousa", *Etnográfica* VI (2), 251 –280.
- Lepowsky, Maria, 2000, "Charlotte Gower and the Subterranean History of Anthropology", Handler, R. (ed.), *Excluded Ancestors, Inevitable Traditions. Essays Toward a More Inclusive History of Anthropology*, Madison, The University of Wisconsin Press, 123-170.
- Lewis, Oscar, 1972 (1951), *Life in a Mexican Village. Tepoztlán Restudied*, Urbana, University of Illinois Press.
- Lima, Fernando Pires de, 1968-1975, *A Arte Popular em Portugal, Ilhas Adjacentes e Ultramar*, 3 vols., Lisboa, Verbo
- Lisón Tolosana, Carmelo, 1966, *Belmonte de Los Caballeros. A Sociological Study of a Spanish Town*, Oxford, Clarendon Press.
- Medeiros, António, 1999, "Na Serra: os (des)encontros do Soajo", *Ler História* 36, 177-220.
- Oliveira, Ernesto Veiga de, 1971, "A Romaria de São Bartolomeu do Mar", *Geographica* VII (26), 42-59.
- O'Neill, Brian & Joaquim Pais de Brito, 1991a, "Prefácio", *Lugares de Aqui, Actas do Colóquio 'Terrenos Portugueses'*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 11-26.
- O'Neill, Brian & Joaquim Pais de Brito (eds.), 1991b, *Lugares de Aqui, Actas do Colóquio 'Terrenos Portugueses'*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

- Pereira, Rui, 1999, "Introdução", Dias, A. Jorge, *Os Macondes de Moçambique. Vol. I. Aspectos Históricos e Económicos*, Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses – Instituto de Investigação Científica Tropical, V-LII.
- Peristiany, J. G. (ed.), 1965, *Honour and Shame. The Values of Mediterranean Society*, Londres, Weidenfeld and Nicolson.
- Peristiany, J. G. (ed.), 1968, *Contributions to Mediterranean Sociology*, Haia, Mouton.
- Peristiany, J. G. (ed.), 1971, *Honra e Vergonha. Valores das Sociedades Mediterrânicas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pina Cabral, João, 1998, "A Antropologia que a Democracia Produziu", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* XXXVIII (2-4), 117-129.
- Pina Cabral, João & Antónia Lima (eds.), 2001, *Elite Choice, Leadership and Succession*, Oxford, Berg.
- Pingaud, Marie-Claire, 1978, *Paysans en Bourgogne. Les Gens de Minot*, Paris, Flammarion.
- Pitt-Rivers, Julian, 1954, *The People of the Sierra*, Londres, Weidenfeld and Nicolson.
- Pitt-Rivers, Julian, 2001, "La Conférence de Burg Wartenstein", Albera, D., A. Blok & C. Bromberger (eds.), *L'Anthropologie de la Méditerranée. Anthropology of the Mediterranean*, Paris, Maisonneuve et Larose – Maison Méditerranéenne des Sciences de l'Homme, 59-63.
- Redfield, Robert, 1930, *Tepoztlam, a Mexican Village. A Study of Folk Life*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Redfield, Robert, 1941, *The Folk Culture of Yucatan*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Redfield, Robert, 1950, *A Village That Chose Progress. Chan Kom Revisited*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Redfield, Robert, 1955, *The Little Community*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Redfield, Robert, 1956, *Peasant Society and Culture*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Riegelhaupt, Joyce, 1964, *In The Shadow of the City: Integration of a Portuguese Village*, Nova Iorque, Columbia University, PhD Thesis
- Riegelhaupt, Joyce, 1967, "Salio Women. An Analysis of Informal and Formal Political Economic Roles of Portuguese Peasant Women", *Anthropological Quarterly* 40, 109-126.
- Riegelhaupt, Joyce, 1973, "Festas and Padres. The Organization of Religious Action in a Portuguese Parish", *American Anthropologist* 75, 835-852.
- Riegelhaupt, Joyce, 1979a, Peasants and Politics in Portugal: The Corporate State and Village 'Non-Politics'", Graham, L. & H. Makler (eds.), *Contemporary Portugal*, Austin, University of Texas Press, 161-190.
- Riegelhaupt, Joyce, 1979b, "Os Camponeses e a Política no Portugal de Salazar: o Estado Corporativo e o 'Apoliticismo' nas Aldeias", *Análise Social* XV (59), 505-523.
- Riegelhaupt, Joyce, 1981, "Camponeses e Estado Liberal. A Revolta da Maria da Fonte", *Estudos Contemporâneos* 2/3, 129-139.
- Riegelhaupt, Joyce, 1982, "O Significado Religioso do Anti-Clericalismo Popular", *Análise Social* XVIII (72/73/74), 1213-1229.
- Riegelhaupt, Joyce, 1984, "Popular Anti-Clericalism and Religiosity in Pre-1974 Portugal", Wolf, E. (ed.), *Religion, Power and Protest in Local Communities: The Northern Shore of the Mediterranean*, Amesterdão, Mouton.
- Rosaldo, Renato, 1989, *Culture and Truth. The Remaking of Social Analysis*, Boston MA, Beacon Press.
- Schneider, Jane, 1969, "Family Patrimonies and Economic Behaviour in Western Sicily", *Anthropological Quarterly* 42 (3), 109-129.
- Schneider, Jane, 1971, "Of Vigilance and Virgins", *Ethnology* 9 (1), 1-24.
- Schneider, Jane & Shirley Lindelbaum (eds.), 1987, "Frontiers of Christian Evangelism: Essays in Honor of Joyce Riegelhaupt", *American Ethnologist* 14 (1).